



TEMPLO DE JUPITER TONANTE,

ARCO DE SEP. SEVERO,

COLUMNA DE PHOCAS.

As REPRESENTAÇÕES theatraes; as frequentes allu-
sões dos livros, que preferimos segundo nossa profis-
são ou nosso gosto; as pinturas; e até os discursos
dos oradores, quer no pulpito, quer na tribuna par-
lamentar, nos tem feito familiar o nome da Roma
VOL. V. JULHO 3. — 1841.

antiga: echo do passado, que vai retumbando entre
gerações sucessivas que não esmorece e se repete
com o mesmo vigor. A cidade dos Fabios, Cincin-
natos, e Catões, a capital dos Cesares, convertida
em cabeça do orbe catholico, despiu um manto glo-

rioso, para se revestir de outro que não menor credito e nomeada lhe grangea. Procurai o rustico illitterato no abrigo de sua choupana; fallai-lhe de Stockolmo, Copenhague, Munich: parecer-lhe-hão palavras d'exorcismos: já não acha París, Londres e Madrid, vocabulos tão barbaros:—se não foi seu pai, algum filho, ou algum irmão, algum visinho da aldéa lá andou por essas terras, e veio contar ou exaggerar as suas maravilhas;—fallai-lhe porem na cidade de Roma; é nome que desde a infancia conhece, tendo-o aprendido com os primeiros rudimentos da doutrina christã.—Não tratemos porem dos camponeses, curvados sob o peso dos trabalhos campestres, que só podem adquirir noticias por instrucções oraes: esses apenas das tradições ecclesiasticas sabem imperfeitamente alguma cousa. Inquirâmos muita gente, que lê, e que em suas leituras dá preferencia a gazetas:—que nos digam muitas dessas pessoas se já lhes veio á lembrança examina-rem o mappa terrestre auxiliados por um compendio de geographia, ou abrirem os resumos historicos, para adquirirem exactas noções dos paizes e povos, cujos nomes frequentemente se lhes appresentam nas paginas dos jornaes politicos?—Se responderem com a voz da consciencia dirão muitos que nunca em tal cuidaram, que recebem os factos avulsamente, que delles retém passageira lembrança, que só conhecem o presente, que não podem avaliar as relações politicas entre dois ou mais povos, a importancia da perda ou acquisição de qualquer praça ou porção de territorio, os resultados das contes- tações sobre demarcações das fronteiras, e outras muitas questões e incidentes, que sem o soccorro da geographia e da historia não podem dilucidar-se, nem tão pouco comprehender-se. Sem o conhecimen- to da descripção das regiões do nosso globo não ha sciencia historica: e como entrará deliberado e se- nhor de si em uma casa, com destino a um ponto certo, quem fôr ás escuras e desconhecer os reparti- mentos, os cantos, os degraus do edificio? . . . O preparatorio, que apontâmos como indispensavel, tanto o é para revolver annaes antigos, como para colher proveito da lição das folhas politicas; por- quanto uma gazeta na parte a que alludimos, não é outra cousa senão um archivo da historia contem- poranea, o espelho que reflecte para os nossos olhos os acontecimentos que se passam em logares, onde não estamos; e se não tivermos alguma noticia pré- via desses logares, como poderemos julgar acertada- mente da importancia dos factos? . . . Por isso gran- de é o serviço que tem feito os jornaes d'instrucção popular, dando para illustração de suas gravuras ora a descripção de estados e regiões, ora a topographia de cidades, ora a noticia de monumentos. A classe de leitores, a quem especialmente é dedicado este genero de trabalho litterario, reconhecerá pela ex- periencia propria a satisfação, que experimenta, po- dendo dar explicação e ás vezes inteira noticia de assumptos e objectos, sobre que versa a conversação quotidiana, e que para sempre ignoraria se não fos- sem estes jornaes, que sem pezado estudo, sem mui- to dispendio lhe dilatam a esphera do saber, e re- creando-lhe o espirito lhe ministram noções provei- tosas.

Dizem todos —*foro contencioso*; e muitos pergun- tarão donde veio esta palavra *foro*: mas quem se der ao trabalho de lêr o presente artigo, ficará sabendo [se o ignora] que veio d'uma praça de Roma. A precedente estampa representa o angulo do lado do norte do *forum*, em Roma, e nas costas do mo- derno Capitolio. Nas cidades romanas se denomina- va por aquelle termo um grande espaço descoberto,

[correspondente ao *agora* dos gregos], onde se ajun- tavam os cidadãos para tratar negocios e se pleitea- vam as causas: os gregos faziam o seu *agora* qua- drado, mas na Italia o fórum tinha menos um ter- ço na largura que no comprimento. Estas praças ro- manas, de ordinario cercadas de esplendidos edifi- cios publicos, eram de duas especies, *fora civilia*, on- de se ventilavam os negocios politicos, e as deman- das ou pleitos; *fora venalia*, em que se tratavam as- sumptos commerciaes. Dos mais importantes conta- vam-se dezenove em Roma; de poucos permanecem vestigios. Sendo o *forum*, chamado por excellencia *romanum*, o que em nossa gravura é representado, nos limitaremos a fallar delle.—Ficava em um es- treito valle, não distante do Tibre, entre os mon- tes Palatino e Capitolino: é conhecida parte do vão que occupava, mas os seus limites exactos são hoje bastante incertos. Templos, estatuas, curias, colum- nas e arcos triumphaes e outras construcções gran- diasas o adornavam, tomando o logar das lojas, es- cholas e casas particulares, que originariamente alli tiveram assento. Tambem no forum estavam os *ros- tra* ou pulpitos, que eram as tribunas publicas on- de os oradores proferiam nos pleitos as suas arengas ou discursos: procedeu-lhes o nome do seguinte suc- cesso. Tendo os romanos capturado o porto d'Anzo na costa do Lacio, no anno 335 antes de J. C., pro- hibiram a navegação aos habitantes e apresando-lhes as galés, as trouxeram para Roma, guarnecendo co- mo tropheu a tribuna oratoria com os esporões de metal (*rostra*) das prôas daquellas embarcações.— Presume-se que a *Curia* ou casa onde se reúnio os senadores era situada nas faldas do Palatino e quasi ao meio do lado oriental do foro: da mesma parte um pouco mais ao norte ficava o *Comitium*, onde se celebravam os *comicios*, isto é, as assembleas do povo romano, um simulachro de *camara baixa*, quando se ajuntavam para exercitar o direito de vo- tação nos assumptos de sua competencia, segundo a lei organica do estado. Já os leitores vêem porque ás nossas antigas côrtes chamaram alguns escriptores *comicios*; e porque se appellidam *curias* alguns tri- bunaes superiores. Havia na mesma praça templos e basilicas, no que deve notar-se a distincção, porque os templos eram consagrados aos numes, e as basilicas eram nas monarchias antigas paços reaes, e na repu- blica romana edificios para diversas repartições do publico serviço. Veja-se a razão porque se denomi- naram basilicas as igrejas christãs mais sumptuosas a pag. 126 do 2.^o vol. do Panorama.—Uma rotun- da, que uns querem fosse dedicada a Vesta e outros a Romulo, é hoje a igreja de S. Theodoro. Grande seria a lista se intentassemos numerar os monumen- tos do forum romanum nos tempos de seu esplendor, parece-nos com tudo mais acertado tratar somente dos vestigios que ora subsistem. Delles o mais avul- tado é o arco de Septimio Severo, [vide estampa] erecto em commemoração de duas victorias que este imperador ganhára aos parthos no oriente; consiste de tres arcadas, a maior no meio; não é, ao dizer de Woods, do mais puro estylo de architectura, mas nem por isso deixa de ser obra magestosa: é de marmore com quatro columnas por face, e os pan- nos entre ellas ornados de baixos relevos, que attes- tam [diz Burton] a decadencia em que iam as artes, quando foram feitos. Está onde principiava uma su- bida para o Capitolio, chamada *clivus asyli*, por ir dar ao asylo ou sanctuario, que Romulo, o funda- dor da cidade, instituira: achando-se em parte sot- terrado, o summo pontifice Pio 7.^o o mandou de- sentulhar, murando-se a superficie excavada com uma parede circular, para melhor perservação do mo-

numento, porque já trabalhos anteriores tinham sido infructuosos. Por dentro do arco ha uma escadaria de 50 degraus por onde se vai á summidade.

Na extrema direita da vista que damos do Forum descobre-se uma columna solitaria, que foi objecto de grande discussão entre os antiquarios, como nenhuma outra reliquia da antiga Roma, até que a duquesa de Devonshire fazendo desentulhar o pedestal alcançou o poder-se ler uma inscripção, ainda que com algumas letras obliteradas, pela qual se veio a saber que essa columna não era parte de alguma construcção destruida, e que sempre fôra só e sustentára a estatua levantada ao imperador Phocas, que bem pouco a merecia, e a quem seu successor Heraclio depoz e assassinou no anno de 610. A columna é de marmore da Grecia, de meias canas, com seu capitel corinthio: affirma-se que é mais antiga do que a inauguração da estatua de Phocas, e que fôra erecta em obsequio ao imperador Claudio, o qual succedeu a Gallieno no anno 268. — As columnas do lado esquerdo pertencem a um dos muitos templos que havia na praça; era votado a Jupiter tonante, ou trovejador. Ha mais tres em outra parte, que conservam fragmentos de friso e cornija; é opinião a mais corrente que pertenciam á vasta fabrica onde se reuniam os comícios, da qual bem como da Curia poucas ruinas se divisam; e tanto que as tres columnas, por certo mui formosas, são appelladas *as das disputas*, por causa da variedade de encontradas opiniões a seu respeito. Os restos da Curia jazem proximos á igreja de St.^a Maria libertadora. O templo de St.^o Adriano, por detraz da columna de Phocas, dizem occupar parte da basilica Emiliana erecta em tempo de Augusto. Em summa [para não alongarmos este artigo] não ha em Roma edificio que não offereça recordações de tempos que o precederam, e que não tome o lugar de outros muito mais antigos; salvo as venerandas reliquias do passado, que ainda se conservam, e que tantos viajantes curiosos e amantes das artes atrahem á capital do orbe catholico para as contemplarem a par das maravilhas da arte moderna.

Finalmente esqueceu a pristina denominação de *foro romano*, e hoje vulgarmente lhe chamam o *campo vaccino*, ou porque desde o undecimo seculo se faz alli feira de gado, como diz Vasi, ou porque alli ajuntam os carreiros os bois que empregam no servigo da cidade, como escreve Woods.

A MORAL E O SÉCULO.

(Continuado de pag. 202.)

ASSOMEM embora ao horisonte nublado os dias da desventura. Se os da terra houverem segado a colheita de palavra divina vivirão em paz, e não se revolverão nos espinhos do desespero.

E poderão os homens da sciencia, que trabalham no livro das reformações, alcançar o melhorar esta sociedade?

Eis-ahi uma questão de difficil resposta.

A duvida e a incerteza crescem, pullulam por toda a parte. Ralhem embora os homens do seculo da rudez de nossos avós; pintem as eras passadas com as côres de seus espiritos prevaricados; entornem quanto fel teem no coração sobre esses tempos, que já não tornarão. — Havia crimes, porque havia homens. Ha-os hoje como então. Disfarça-os o verniz da nossa civilisação, mas não os apaga — ainda mal que todos o sabemos! Nem haverá quem duvide em ver mais perigos no punhal que se esconde nas

trevas do que no ferro que brilha ao sol. Havia crimes — repetimo-lo; — mas havia o que hoje não ha: crença firme e viva fé. Debaixo do arnez do soldado batia um coração de christão. E o que era o christianismo das idades antigas? Era completa abnegação de si mesmo. Era inteira devoção a Deus e ao proximo.

Citar-nos-hão grandes exemplos de crueldade, de egoismo, de vileza, de intriga, de toda a maldade. — É o vicio. São os crimes. Mas os crimes e o vicio de todos os tempos: que sempre houveram: que sempre haverão. Poderão, porventura, citar-nos hoje os solitarios da Thebaida, chagando os joelhos na terra a pedir por seus irmãos; ou os cavalleiros de S. João do Hospital, despindo a couraça dos combates para tomarem o bordão de peregrinos ou cingirem a toalha de enfermeiros? Não era um caso particular de dedicacão desinteressada e generosa que se conta agora com admiracão e se escuta com panno. Eram populações inteiras deixando suas casas e seus bellos climas e quanto na patria lhes sorria, só para ir adorar o tumulo do Redemptor e acabar á sombra da cruz. — “Tinham-os fanatisado” — dirão. E que nos importa? — Que nos importam os motivos politicos que moveram talvez alguns dos seus chefes principaes? — Que lhes coube na Palestina e na Syria? — Que lucraram elles de tantas fadigas e tanto sangue derramado? A fome e a sede; a miseria e o captiveiro. E, mau grado a tudo, lá voltaram. — O grão da maldade contaminou quanto fôra grande: ainda hoje é assim. As mais bellas e santas instituções fizeram-se negras de perversidade: tal acontece agora: tal acontecerá para todo o sempre. Mas temia-se o peccado e amava-se o Senhor. O lago era mais turbado na superficie, porem mais tranquillo no fundo. E cria-se no intimo. E esperava-se no ceu!

Crer e esperar, sustentaculos suaves deste nosso misero existir; columnas do templo do Eterno; origem de toda a resignação; divinas consolações de todo o soffrer, que fizeram de vós esses scepticos anatomicos d'alma? Atiraram comvosco, ó dulcissimos anjos, aos limos do mar e ao lodo da terra; pulverisaram-vos; aniquilaram-vos. Semearam por toda a parte a incredulidade e recolheram a prevaricacão. Calcaram aos pés todas as devoções sublimes, todos os nobres sacrificios, que daquellas fontes perennes tinham manado tão puros, e fizeram da vida um esqueleto. Dissecaram uma a uma as fibras do coração. Ridicularisaram quanto viram. Armaram-se de impudencia e disseram: — “Duvidámos da fé; duvidámos do espirito; duvidámos de tudo.” — Tocaram em todas as cordas do sentimento e as quebraram rindo e ficaram-se a folgar diabolicamente no meio das ruinas de todas as cousas!

Mas a lei da immortal sciencia não deve perecer.

Dispam a religião do trajo inutil de loucas superstições com que ou ignorantes ou mal intencionados a teem carregado, e ve-la-hão o melhor e o mais acabado codigo de moral. O monge austero que, no silencio do claustro, calcando, ás horas da noite, as frias lageas das sepulturas, com os olhos no Christo e o pensamento na outra vida, desfolhava as flôres da oração sobre os sepulchros dos finados, era o verdadeiro homem em Deus. O sacerdote illustrado que de pé na cadeira da verdade, vendadas as vistas de lagrimas sinceras, prégava aos povos, mais com o exemplo do que com a palavra, amor e caridade, era um santo na terra. E nem porque os encarregados da conservacão e progressão do santo officio desvairaram em seu caminho podemos chamar ruins as instituções. Mas eis-ahi que novos architectos se ale-

vantaram e vieram a nós. Arrasaram a edificação antiga e em seu lugar construíram uma obra sua. — Será ella melhor? — Seremos nós mais felizes? — Resolva o problema quem se achar com forças para tanto.

Não se julgue porem que — mal entrado nos caminhos do mundo — tento eu agora oppor minha voz tão debil ás ideas de civilização e progresso. — Todo o melhoramento é um bem. Todo o adiantamento uma necessidade. É força que sigamos ávante, mas façamo-lo pela estrada verdadeira sem nos sahirmos aos desvios do vicio nem nos perdermos pelas encrusilhadas da má fé e da intriga. A esse adiantamento assim entendido, sem excessos nem desvarios diremos nós: — «Caminhai e Deus vos dê bom fado e em boa hora o façais.» — Só contra a torrente das iniquidades, das devassidões, e das immoralidades, que — por mal nosso! — vai hoje tão funda e arrebatada, tentarei eu erguer um dique, — antes sobrepor-lhe uma pedra, que já mais valiosos braços tem travado da empreza — embora a força da levada me arroje de encontro ás pedreiras da margem. Farei ouvir uma vez, ao menos, a voz da consciencia ás turbas inconsideradas, e correrei depois mais desassombrado para onde o Todo Poderoso me chamar. É esse o dever de todo o que escreve. É esse o que a nenhum cumpre menospresar.

Inspirado, que tomaste a teu cargo o folhear as paginas do coração e da vida, Deus te pedirá contas um dia do bem e do mal que ahí tiveres gravado. — Já que tantos olhos te vêem e tantos ouvidos te ouvem é mister que sejas norma para cada um e exemplo para todos. Respire quem te ler o aroma da virtude. Insinue-se-lhe a moral por cada sensação que despertares. Vai até onde souberes; mas não passes além, nem te affastes para o lado.

Repetiremos agora: — «E será possível aos homens da sciencia, trabalhando nas reformações, o melhorar a nossa sociedade?

Se por todos os lados e em todas as cousas se escoa insensivelmente o egoismo, origem e fonte, segundo creio, de toda a immoralidade, porque não ha-de a moral e a justiça descer a tudo?

O romancista que tem de officio abalar e commover; o discursador na tribuna; o orador no templo; o philosopho; o poeta; o theologo, todos podem igualmente moralisar e concorrer para a obra do melhoramento geral. Quem ler Georges Sand, por exemplo, se for virtuoso enojar-se-ha de scenas tão repugnantes e, ás vezes, immundas á força de viciosas em todos os generos e sentidos; se tender para o crime ficar-lhe-ha n'alma um germen perigoso. — Pois bem: os livros de Georges Sand são livros nocivos, e o que se diz daquelle auctor póde dizer-se de centos d'outros iguaes, que ou pintam o vicio muito agradável ou a virtude muito desgostosa e frouxa. É assim como o mal é apregoado não poderemos apregoar o bem? Se o crime é susceptivel de côres formosas não o será a honra e a probidade? — Façamos o inverso de Georges Sand e produziremos effeitos contrarios. Os adornos do cadaver putrido, prestes a desfazer-se em cinza, não podem durar muito por mais que sejam brilhantes, e poderosa a mão que lh'os poz. O esplendor de um grande talento assim empregado valerá a seduzir, não vale porem a convencer, a enraizar-se na consciencia. É deverá, porventura, ser esta a nobre missão do que Deus collocou no cimo da humanidade inteira para que fosse mediador entre Elle e os homens?

Hoje — e parece-me este um dos principaes peccados do seculo — tem-se materializado e explicado tudo. Desceram ás mais occultas dobradas do coração,

Examinaram ahí o homem e cada homem, por todas as suas faces, e subiram á vida e retrataram-o qual elle é. Será isto um beneficio? — Se-lo-hia se unicamente se buscassem exemplos do bem; mas — ainda outro peccado — preferiram quasi sempre o peor. Quantas vezes sobrados esclarecimentos terão ido roubar, á placidez da sua innocencia, o que ainda poderia ser feliz na terra e passar no meio da perdição, sem se perder! E eis-ahi porque as idades se adiantam tão breves e a alma envelhece tão cedo. — Ousarei eu aqui dizer quanto penso?

Cur non?

Na vida especulativa sabemos hoje demais — demais: sim. Nunca será excessiva — permitta-se-me a expressão — a sciencia do saber. Será, todavia, demasiada a sciencia do existir. Podéra eu agora ser bem extenso no desfiar e analysar esta idea, mas largo, e talvez de sobra, vai este artigo — que já para artigo é longo. Alguma vez mais de espaço o farei. Por em quanto uma pergunta bastará: — «De que nos serve saber todo o mal se não conhecemos todo o bem?

Não são, a meu ver, os grandes quadros do crime prejudiciaes ás sociedades. Pintem-o embora. É uma necessidade. Nem ha bello colorido sem fortes sombras. Mas pintem-o feio, hediondo, como é; vistam-o de trajos negros e horrendos que não excite appetite o ve-lo, nem accorde sympathias, nem faça proselytos. Debuxem o crime; mas não descrevam crimes. Appresentem o homem; mas não retratem homens. Façam typos e não cousas. Exponham modelos e não copias. O maior esforço do engenheiro é crear: aos grandes engenhos cabem os grandes exemplos.

Lucrecia Borgia é typo da immoralidade. Valentine é a mulher immoral. E quem não affastará os olhos da primeira? E quem se não seduzirá com a segunda? — Uma é a idea. Outra é a cousa.

Mas o individualismo que se apossou de tudo não deixou no escuro a mais bella e a mais nobre porção das creaturas de Deus. Que vemos por toda essa litteratura arremeçada cada dia do gabinete para a imprensa e da imprensa para o povo?

Fazei algumas excepções raras, e achareis geralmente baixas particularidades — desde o nefando rir do populacho vil, em torno do cadafalso, até ao calculo immenso do grande perverso, esmagando no apertar da mão, valente de intrigas, milhares de victimas que arremeça ao sorvedouro das revoluções.

O seculo que vai indo é, como levo dito, o seculo das especulações. As lettras, que tanto deviam de estar acima dessas considerações mesquinhas, são hoje, como tudo, um objecto de especulação. Tirai as descobertas da sciencia — verdadeiramente sciencia — e que vos ficará quasi sempre? Caracteres no privado, scenas da vida — a pessoa, o individuo. Terão, não o duvido, o merito de copias fieis — que vale? — Adiantam-nos horas no conhecimento do viver. Atrasam-nos seculos na pratica do bem obrar.

Homem fadado por Deus, poeta ou romancista ou philosopho assenta-te, em teu solio verdadeiro, chama em torno as multidões e indica-lhes o caminho que não vêem, e marcha, se for mister, á sua frente.

O escriptor deste seculo é o educador das turbas!

O povo que entre nós já principia a ler, se lhe derem alimentos corruptos, ou o contaminará a epidemia geral, ou tomará em aborrecimento tudo o que for instrucção. — É mister espreitar-lhe a indole, modifica-lo, dirigi-lo. A curiosidade nascente se applicardes com acerto poderá ainda produzir fructos formosos. — Mas talvez será já tarde. — O ven-

to da terra estrangeira tem-nos trazido o bafo pestilento dos seus codigos d'immoralidade. Já nos enoja o que é nosso — carecemos de ir buscar ao longe o sustento que poderíamos ainda alcançar cavando fundo nas minas inexploradas. — Aproveitemos o que de lá nos vem optimo, juntemo-lo ao que possuímos bom. Nem sejamos muito francos no aceitar. Nem nos ceguemos no regeitar.

A vós que vos chamam regeneradores cumpre acabar com a obra da regeneração, a só duravel, a unica bastante a sustentar todas as regenerações.

Apostolos das crenças que vos cobris de rugas e de cans, curvados no passado, a resuscitar memorias sem preço e heroicos exemplos, honra vos sejam vossas fadigas! Segui, segui por diante no penoso lidar. Nem vos desalente o tumultuar louco dos que passam por vós sem repararem, e caminham alem todos embebidos no interesse que lhes poz uma venda doirada — segui, segui. Nem desprezeis a minha voz por ser voz de mancebo — sem forças e sem cabedades. — Fallo-vos com a alma; fallo-vos com a consciencia fortemente persuadida e convencida.

Estabelecei os costumes, animai as crenças vivas e sobre tudo cortai pela raiz esse egoismo fatal que enfesa e secca os troncos que se poderiam tornar mais frondosos — e vereis os homens melhorados, quanto cabe aos que habitam em mundo de maldade, e ve-los-heis auxiliarem-se nos trabalhos e socorrerem-se nos revezes.

A mutualidade é mãe da justiça.

O progresso real está na moralisação do povo.

Silva Leal — Junior.

CARIDADE.

CARIDADE significa no sentido mais lato *amor universal da nossa especie*; e todas as demais virtudes que a ella se referem, como bondade, ternura, benevolencia, favoravel opinião dos outros, liberalidade com os pobres, e outras de identica natureza assentam no amor a sua base. A caridade é a maior das virtudes, porque nos excita ao desempenho de todos os deveres sociaes e christãos; e o amor é uma das condições essenciaes para o cumprimento desses deveres. Qualquer desprezo das regras da virtude é um insulto ao Creador, e uma injuria immediata feita ás pessoas com quem vivemos em sociedade. Se abraçarmos os principios de verdadeira caridade e amor do proximo, cuidadosamente evitaremos praticar todos os actos que possam prejudicar-nos, e aos outros, caminhando assim para a nossa propria felicidade, tanto na presente vida, como na futura. A affabilidade é um dos ramos da verdadeira caridade. — É qualidade de que o rico e o pobre, o velho e o moço, o sabio e o ignorante, podem e devem fazer uso, e que é sempre bem aceita pelas pessoas com quem a exercitamos. Algumas haverá, não o duvidámos, a quem a affabilidade não penho-re, que a retribuam com ingratição, ou que, quando muito, a recebam com desagradavel indifferença. No entanto, justo é diz-lo, o seu numero é comparativamente pequeno; porque o coração humano, quasi sempre opposto ao desabrimento e severidade, e inclinando-se naturalmente para os affectos doces e ternos, faz o homem tratavel e obediente. Quantas vezes um inesperado toque de sensibilidade não tem posto termo a discordias que duraram longos annos? E quantas outras não temos visto um figadal inimigo transformar-se, por identica causa, em extremoso e leal amigo?

A ternura, ou esta especie de attenção carinhosa

com que tratamos os doentes, os que vivem em perturbação e anciedade, e os entes desvalidos e innocentes, é a filha querida do amor, que adoça as penas e afflicções do homem — que attrahe as affeições da juventude — e que serve de lenitivo aos achaques e enfermidades dos velhos. Que subido prazer não sente o homem sensivel ao ver os ternos cuidados de uma extremosa filha para com seu decrepito pai; os da esposa para com seu enfermo marido; e os da desvelada mãe para com seu innocente filho? Quando tão agradaveis scenas se observam, o velho deseja voltar aos seus primeiros annos, e gosar tão doces caricias; o celibatario ambiciona achar-se ao lado d'uma esposa de quem receba iguaes affagos; e até a propria velhice parece que se remoça e que esquece alguns de seus males no meio das sensações que produzem estas scenas. Os bons desejos são outro ramo do amor universal que todos devem consagrar ao seu semelhante. É este sentimento um synonymo de benevolencia, que nos induz a socorrer o indigente, e a acudir ao enfermo e atribulado; e torna-nos summamente beneficentes quando as circumstancias nos coadjuvam as intenções. Tão sublime qualidade tem commumente em si o devido premio e elogio. Os bons desejos, acompanhados de actos de generosidade, revelam sentimentos que todos os monarchas devem invejar. Infundir prazer no coração do afflicto; miltigar a dor do que se acha no leito da amargura; estender ao necessitado uma piedosa e caritativa mão; dar pão ao faminto, e emprego ao industrioso, são actos que não só desafiavam os louvores das almas sensiveis, como esgotam todas as expressões de gratidão e respeito.

Outro ramo de caridade, ou amor universal, consiste em pensar bem, e julgar do proximo o mais favoravelmente que ser possa. As acções do homem estão tão sujeitas a más interpretações, e elle proprio a ser victima de tanta calumnia e inveja, que a caridade nos ensina a nada acreditar contra qualquer pessoa sem provas mui claras e evidentes. — « Esta certamente, diz S. Lourenço Justiniano (*), se vê proxima e afadigada com tentações, e á compaixão se esguarda o irmão ferido com açoutes de Deus; amercêa-o, e vendo-o ir mal e preguiçosamente para o caminho de Deus, o amoesta com palavras, e provoca com exemplos; e vendo algum que cahe em peccado, geme de coração, e trigua-se para encobrir a torpeza d'elle. Não o publica, nem murmura do peccador, nem diz mal d'elle; mas amoestando-o, castigando-o, ou com orações trabalha de o levantar, porque o murmurador e maldizente de todo em todo se tira da caridade. Onde em taes crimes se faz culpado aquelle que murmura: mata a fama de seu irmão no coração daquelle que o ouve, e esperta o coração d'elle para aborrecer o peccador; e a sua propria alma fere com golpe de maldizer. Não é esta a lei da caridade: ella é paciente e benigna, e não ha inveja, e mais as outras cousas que Paulo reconta. Não mandou o Senhor que os peccadores fossem descobertos e publicados; mas que se o teu irmão peccar em ti, vai e corrige-o entre ti e elle só. Não mandou que fosse divulgado em as praças, nem ainda que por zelo de vingança fosse dito d'elle entre outros, mas que como irmão seja corrigido branda e docemente; porque o coração do peccador mais se torna á compunção com brandas palavras que com duras; e se podem são alguns que se mais emendam com asperezas

(*) *Perfeição da vida monastica e da vida solitaria*, de S. Lourenço Justiniano, traduzida pela Sr.^a infanta D. Catharina, filha d'elrei D. Duarte; a pag. 51, edição do P.* Thomaz José d'Aquino.

que com doçuras, a taes pela boca seja dito duro e forte doesto, mas sempre em o coração compaixão seja guardada, e em esta maneira, ou dentro por caridade, ou por amoestamento se cumprirá a caridade que a lei manda. Assim façamos com o irmão que pecca, como ao membro enfermo do corpo — ora untura de amoestação, ora fogo de doesto lhe seja dado, segundo julgar a arte do phisico; porque não é menos amado quando se castiga, que quando se abranda: aonde uma cousa e outra nasce da fonte da caridade.»

A liberalidade de opinião e de procedimento é outro ramo de caridade. É nosso restrictissimo dever procurar anciosamente a verdade, e achando-a segui-la sem o menor desvio. Releva porem não nos inculcarmos arrogantemente por infalliveis, imaginando que andam sempre errados os que differem da nossa opinião. Se os outros estão sujeitos a enganar-se, por que rasão o não estaremos nós também? Será crível persuadirmo-nos que só em nós existe juizo recto e seguro e que todos os mais o teem fallivel e depravado? Uma tal idéa de amor proprio é necessariamente o resultado de muita ignorancia e cegueira, e não de sabedoria e candura. Desta absurda persuasão nasceram as horriveis perseguições que mancham as paginas da historia antiga, e que subsistem de certo modo em paizes barbaros. A caridade dispõe-nos a lamentar os que assim pensam: — a arranca-los ao erro por meio do conselho e bom discurso: — a ouvir desapaixonadamente os allegados em favor dos seus sentimentos; e a dar-nos por convencidos se nos appresentarem rasões que até certo ponto os justifiquem e estejam em harmonia com a verdade.

O exercicio da caridade, nas suas diversas formas, tem em si a propria recompensa. Não ha homem algum, por poderoso e abastado que seja, que não dependa, para viver no mundo, da coadjuvação dos outros homens. As commodidades e serviços que a riqueza póde prestar-nos a nada montam em vista das diligencias da amisade, dos affagos da ternura, da boa vontade e affeições de um coração grato; e da candura e gosto com que se expressa, e reconta as boas acções do bemfeitor, o homem a quem aquelle estendera o braço do valimento e caridade. A pessoa que exercitar esta virtude recebe mais tarde ou mais cedo o premio dos seus bons officios, e generosos sentimentos, dos mesmos com quem ja praticára. Excepções se encontrarão nesta regra, pela maldade e vis sentimentos de alguns ingratos socorridos; porem entes tão infelizes merecem mais compaixão do que censura. E de que outra cousa se póde fazer digno quem desconhecendo os seus verdadeiros interesses, e a sua precaria situação, retribue o bem com o mal? — «Torna pois a ti qualquer que isto ouves [diz S. Lourenço Justiniano na obra já citada] e pensa como debes amar o proximo. Não serão trazidos contra ti por testemunhas o ceu nem os anjos: tu serás accusador de ti mesmo, e testemunha se este mandado passares. Aprende segundo o mandado do Senhor, a amar o proximo como a ti mesmo. Se vires que elle ha mister ou está para perigar de fama ou prizão e carcere, e é quebrantado de frio ou nuesa, dá-lhe não tudo o que possuas, nem parte, mas a só necessidade, por que te fique para dares a outro. Recebe os estrangeiros em tua casa; aos enfermos busca algum remedio; consola os tristes; aconselha os nescios, e tira do mau caminho os que erram; e a todos se pódes presta com beneficio da humanidade da tua substancia; e se não pódes por obra, se quer com piedade mostra compaixão. Este é o sacrificio e o dom que aos ri-

cos e pobres é commum. Póde fallecer a fazenda temporal, e a saude do corpo, assim mesmo os outros dons, por onde a mingoa do proximo podia ser reparada; mas nunca a ninguem deve fallecer a piedade do coração, e a affeição da caridade.»

DE COMO VINHAM AS ESPECIARIAS DA INDIA
A EUROPA ANTES D'AQUELLA REGIÃO
SER DESCUBERTA.

Como toda esta nossa Asia vai fundada sobre navegações por causa das armadas que ordinariamente em cada um anno se fazem para a conquista e commercio della, e as cousas que pertencem a sua milicia iammos relatando, segundo a ordem dos tempos; convem para melhor entendimento da historia darmos uma geral relação do modo que se n'aquellas partes da Asia navegava a especiaria com totalas orientaes riquezas, té virem a esta nossa Europa, antes que abrissemos o caminho que lhe demos para este nosso mar oceano, però que em o tractado do commercio copiosamente o escrevemos. Também é necessario que quando fallar-mos nesta navegação e commercio da India não se hade entender que estas duas cousas estão limitadas com aquellas duas regiões, a que os antigos chamam India dentro do Ganges, e India alem do Ganges; porque as nossas navegações e conquistas d'aquella parte, a que propriamente chamâmos Asia, não se contem sómente na terra firme que começa com o Mar-rôxo, aonde se ella aparta da Africa, e acaba na oriental plaga, a que ora chamâmos a costa da China; mas ainda comprehendem aquellas tantas mil ilhas a esta terra da Asia adjacentes, tão grandes em terra, e tantas em numero, que sendo juntas em um corpo podiam constituir outra parte do mundo, maior do que é esta nossa Europa (1). Por cuja causa em a nossa geographia, destas e de outras ilhas descobertas, fazemos uma quarta parte em que se o orbe da terra pode dividir; por que muitas estão distantes da costa, que lhe não pertencem por adjacencia ou visinhança. — Por todas as quaes partes, ao tempo que descobrimos a India, assim os gentios como os mouros andavam commutando e trocando umas mercadorias por outras segundo a natureza dispoz suas sementes, e fructos, e deu industria aos homens em a mecanica das suas obras. As que jaziam alem da cidade de Malaca, situadas na Aurea Chersoneso [nome que os geographos deram aquella terra] assim como cravo das ilhas de Moluco, noz, e maça de Banda, sandalo de Timor, canfora de Borneo, ouro, e prata de Lequio, com totalas riquezas, e especies aromaticas, cheiros, e policias da China, Java, e Sião e de outras partes, e ilhas a esta terra adjacentes, todas no tempo de suas monções concorriam aquella riquissima Malaca, como a um emporio e feira universal do oriente, onde os mercadores de estoutras partes a ella occidentaes, que se contem té o estreito do Mar-rôxo, as iam buscar a troca das que levavam, fazendo commutação de umas por outras, sem entre elles haver uso de moeda. — Porque ainda que alli houvesse muita copia de ouro de Çamatra, e do Lequio, em que na India se ganhava mais que a quarta parte, era tanto maior o ganho das outras, que ficava o ouro em tão vil estimação que ninguem o queria levar. — E como Malaca era um centro aonde concorriam todos os navegantes que andavam nesta permutação, assim os da cidade de Cambaya situada na enseada que tomou o nome della, e os da

(1) Aqui revela João de Barros o conhecimento que tinha da quinta parte do mundo, a que hoje chamamos Oceania.

cidade de Ormuz posta na ilha Geru dentro na garganta do mar persico, como os da cidade de Adem, edificada de fóra das portas do Mar-rôxo, todos com a riqueza deste commercio tinham feito a estas cidades mui illustres e celebradas feiras. — Porque não somente traziam a ellas o que navegavam de Malaca, mas ainda os rubis, e lacre do Pegú, a roupa de Bengala, aljofar de Calecaré, diamantes de Narsinga, canela, e rubis de Ceilão, pimenta, e gengibre e outros mil generos de especies aromaticas, assim da costa do Malabar, como de outras partes, aonde a natureza depositou seus thesouros. E as que desta parte da India se ajuntavam em Ormuz, deixando alli a troca de outras as que serviam para as partes da Turquia, se da nossa Europa eram navegadas por este mar persico té a povoação de Batorá, que está nas correntes do rio Eufrates, a qual ora é uma cidade celebre com o favor que lhe deram os nossos capitães d'Ormuz. — No qual lugar eram repartidas em casilas, umas para Armenia e Trabisonda e Tartaria que jaz sobre o mar maior; outras para as cidades Alepo e Damasco, té chegarem ao porto de Barut, que é no mar mediterraneo, aonde as vendiam a venesianos, genovezes, e catalães, que n'aquelle tempo eram senhores deste tracto. A outra especiaria que entrava pelo Mar-rôxo fazendo suas escalas por os portos delle chegava ao Toro, ou a Suez, situados no ultimo seio deste mar. E d'aqui em casilas por caminho de tres dias era levada á cidade do Cairo, e d'ahi por o Nilo abaixo a Alexandria, aonde as nações que acima dissemos a carregavam para estas partes da christandade, como ainda agora em alguma maneira fazem; e por qualquer destes dois estreitos que esta especiaria entrava nas terras da Arabia quando vinha, a sabida era por os portos do estado do soldão do Cairo, cuja potencia antes de ser mettida na corôa da casa othomana dos turcos, começava no fim do reino de Tunes em aquelle cabo, a que ora os marcantes de Levante chamam Rasausem, e Ptolomeu, Boreo Promontorio, e acabava em uma enseada chamada por elles o golphão de Larazza pela razão d'uma povoação deste nome que alli está, a qual segundo a situação della, parece ser a villa a que Ptolomeu chama Serrepolis. Na qual distancia da costa póde haver trezentas e sessenta leguas, que contem em si muitos e mui celebres portos. E por dentro do sertão se estendia pelo Nilo acima á região Thebaida, a que os naturaes ora chamam Çaida té chegar á antiquissima cidade Ptolomaida, cujo nome ora era Hicina, que ácerca d'aquelles barbaros quer dizer esquecimento, e d'alli vinha beber ao Mar-rôxo. Passando o qual entrava na terra da Arabia, vindo avizinhar com o Xarife Baracat, senhor da casa de Meca, atravessando os barbaros d'aquelle deserto, té dar comsigo em a cidade chamada Bir, que jaz nas correntes do Eufrates; e tornando a fazer outro curso contra o occidente, acabava em o golphão de Larazza que dissemos. No qual circuito de terra se comprehendia grão parte da Arabia deserta, toda a Petrea, Judéa, e muita da Syria com todo o Egypto, a que chamamos Met-ser de Mitsraim, nome por que os hebreus e arabios nomeam a região do Egypto, por este Cairo ser a cabeça delle, dando o nome do todo á parte. — E ao tempo da nossa entrada na India era senhor deste grande estado Canaço, a que alguns dos nossos chamam Cansor, o qual se intitulava com este appellido Algauri, de que se elle muito gloriava, por lhe ser posto por causa d'uma grão victoria que houve d'um rei da Persia, junto d'uma alagoa chamada Algaor que faz o rio Eufrates, entre Enz e Bagdad, d'onde lhe deram

appellido Algauri. Neste mesmo tempo reinava em Turquia Selim, decimo da geração othomana, e era Senhor de Méca o Xarife Baracat, entre os mouros mui celebrado em nome, não tanto por seus feitos, quanto por o grande decurso de tempo que viveu neste estado. E era senhor de Adem Xeque Hamed, o qual visinhava com estoutro Xarife por parte da terra chamada Jazem, que é dentro das portas do estreito defronte da ilha Camarão. E era rei de Ormuz Ceifadim deste nome o segundo, e do reino de Gusarate Machamud o primeiro deste nome. — Assim estes reis e principes, como os mercadores por cujas mãos corria o commercio da especiaria, e orientaes riquezas, vendo que com a nossa entrada na India por espaço tão breve, como eram cinco annos, tinhamos tomado posse da navegação d'aquelles mares, e elles perdido o commercio de que eram senhores, havia tantos tempos, e sobre tudo eramos uma bofetada na casa de Méca, pois já começavamos a chegar ás portas do Mar-rôxo tolhendo os seusromeiros, eram todas estas cousas a elles tão graã dôr e tristeza, que não somente aquelles a que tinhamos offendido, mas a todos em geral era o nosso nome tão aborrecido que cada um em seu modo procurava de o destruir. E como a gente a que isso mais tocava eram os mouros que viviam no reino de Calecut, ordenaram de enviar uma embaixada ao grão Soldão do Cairo, como a pessoa que podia resistir a este commum damno, fazendo com o Çamori, rei da terra, que lhe enviasse um presente com outra tal embaixada, notificando-lhe os grandes males e danos que de nós tinha recebido por defender os mercadores do Cairo residentes na sua cidade Calecut, tomando por conclusão de seu requerimento que lhe mandasse uma grossa armada com gente e armas para nos lançar da India, que elle a proveria de dinheiro e mantimentos como lá fosse. Com a qual embaixada foi um mouro principal chamado Maimame, homem mais dado á religião de sua seita que ás armas, e foi em uma galé da feição das nossas sem appellação, a qual depois acabou em Chaul, como veremos em seu logar. Accrescentou mais a este clamor dos mouros, e requerimento do Çamori, outro tal embaixador do Xeque de Adem, o qual embaixador era Xarife d'aquelles que dizem vir da linhagem de Mafamede; porque por via de religioso podia provocar mais ao Soldão para acudir a estes danos, como defensor da casa de Méca, segundo se elle intitulava; pedindo que com diligencia puzesse neste caso o braço de sua potencia, porque elle por sua parte mandaria tambem ajuda áquelles misereros que habitavam no reino de Calecut, onde nossas armas tinham derramado muito sangue arabico em que entraram alguns da linhagem do seu propheta, que por via de martyrio eram havidos por santos ácerca dos arabios. — *Asia de João de Barros, Decada 1.^a Liv. VIII Cap. II (2).*

GRANDE PERIGO QUE CORREU D. AFFONSO 5.^o
EM AFRICA.

No DIA 21 de Março de 1464 se viu elrei D. Affonso 5.^o em grande perigo de perder a vida ou a liberdade. Achava-se em Africa da segunda vez que foi a ella, e havendo até alli experimentado alguns maus successos se resolveu a desafogar a dor e repa-

(2) Por esta passagem da preciosa obra de J. de Barros se conhecerá com quanta razão alguns dos escriptores estrangeiros, dados á sciencia geographica, apreciam as paginas dos nossos historiadores das cousas da India, que trataram estas materias com miuda investigação dos logares e dos factos.

rar de algum modo a reputação, e com uma entrada em que quiz achar-se em pessoa com os mais nobres e valorosos cavalleiros que o seguiam. Escolheu pois oitocentos, e com pouca mais gente de pé entrou por aquelle sertão, e se metteu com ardor juvenil por uma serra aspera e fragosa, aonde mal se podiam manejar os cavallos, e ainda os de pé caminhavam com difficuldade. Uns e outros se viram em breve espaço cercados de infinitos mouros, os quaes pelejando como praticos no paiz, e fiados na multidão, davam por infallivel a nossa perda, e a sua victoria. Elrei conhecendo já o perigo, ainda que sem mostras de temor, fazendo uma e outra vez volta aos inimigos, e ferindo e matando muitos por sua mão, se ia retirando; mas era a retirada naquelle trance tão precisa como perigosa.—Alli obraram os portuguezes illustrissimas acções: por vezes esteve perdido o pendão real, e outras tantas foi recuperado. Os fidalgos por fazerem costas a elrei offereciam promptamente os peitos ás lanças.—Elrei esquecido de que na sua pessoa ia a saude do reino, não duvidava combater uma e muitas vezes com os inimigos, que via mais orgulhosos e destemidos. Os soldados, ainda os vulgares, pelejavam com tão extraordinario valor, á vista do perigo em que estava o seu rei, que parecia brotarem leões aquellas montanhas, costumadas a produzi-los. Assim pelejando sempre com estupendo valor sahiram da serra, e porque os nossos iam diminuindo e os mouros crescendo, obrigaram alguns fidalgos a elrei a que passasse um rio, o que fez com grande repugnancia, ordenando a D. Duarte de Menezes, conde de Vianna, que ficasse entretendo o inimigo. Bem conheceu o conde que ficava para remir com a sua vida a dos companheiros, e não se enganou nesta idea; porque fazendo rosto valorosamente aos mouros lhe cahiu morto o cavallo, e acudindo-lhe com outro seu cunhado, o conde de Monsanto, como não podesse cavalgar por acertarem de ser os lóros muí compridos, e elle não de grande corpo, ferindo com a espora o cavallo nas ancas, este o lançou de si, e sobrevindo um tropel de mouros, foi por elle morto, e feito ou desfeito em tão miudos pedaços, que se lhe não pôde depois achar parte inteira mais que um dedo, a que se deu sepultura na igreja de S. Francisco de Santarem. Assim acabou aquelle nobilissimo cavalleiro, ou o fez acabar o seu mal aconselhado príncipe, a quem elle dissuadira com graves razões daquella jornada, como prevendo o mau successo. Morreram tambem alli Diogo da Silveira, escrivão da puridade; Fernão de Sousa, alcaide-mor de Guimarães; João Mendes de Vasconcellos, e outros muitos cavalleiros da primeira nobreza. O conde de Villa-Real se assignalou tanto na peleja, e no resguardo da pessoa d'elrei, que lhe disse publicamente:—«Conde, a fé ficou hoje toda em vós.»—Isto disse elrei, e ficou muito em memoria este dito, e não sabemos com que razão; porque attribuir elrei toda a fé ou fidelidade ao conde de Villa-Real, quando o de Vianna acabava de perder a vida em sua defesa, parece que encontra todo o bom dictame. Ao menos podéra e devéra julgar a fé e fidelidade repartidas em um e outro conde; mas essa é uma das differenças entre os vivos e mortos:—os vivos conservam-se na memoria, e os mortos, ainda antes de entregues á terra, já o estão ao esquecimento: mas não foi poderoso algum para sepultar a fama de tamanho heroe.

(Ann. Hist.)

É cousa tão difficullosa acostumar-se a trabalhar

para viver quem está acostumado a outra vida que esta mesma difficuldade é a que inventou a arte e artes de furta. Aquelle feitor do pai de familias, que refere o Evangelho, vendo-se privado da administração da fazenda de que comia, e não se accomodando a trabalhar para viver, que conselho tomou? Falsificou as escripturas [diz o texto], e fez-se ladrão por tal arte que o amo lhe perdoou o furto pela industria. Esta é a providencia do diabo, com que elle compete com Deus em sustentar o mundo. Para que não desconfieis da Providencia Divina, olhai, diz Christo, para as aves do céu. As aves não aram a terra, nem semeam, nem colhem, e comtudo sustentam-se; o mesmo fazem por providencia do diabo estas aves de rapina. Os outros cavam, os outros trabalham, os outros suam, e o que estes recolheram na eira, ou venderam na praia, embolgam elles na estrada. O primeiro ladrão, que houve no mundo, foi o primeiro homem: tão antigo costume é serem os primeiros homens os primeiros ladrões. Condemnou Deus este primeiro ladrão a que comesse o seu pão com o suor do seu rosto: mas os ladrões que vieram depois souberam e poderam tanto que trocaram a sentença; e em lugar de comerem o seu pão com o suor do seu rosto, comeram o pão não seu com o suor do rosto alheio.—P.^o Vieira, Sermão de St.^o Antonio, na 3.^a part. dos Sermões.

(MEMORIA.)

PARA que de todo se não perca uma inscripção que estava na parochial igreja de S. Martinho de Lisboa [fundada em 1168 e que fôra capella real d'elrei D. Fernando 1.^o], demolida em o anno de 1839, passámos a transcrever o que se lia em um epitaphio de marmore negro, com letras de ouro.

«Aqui jaz Dom Gonçallo de Castello Branco Valente, Senhor da Villa Nova de Portimão, Monteiro Mór, Almotacel Mór, Escrivão da Puridade, Veador da Fazenda de ElRey Dom Affonso o Quinto, e seu Testamenteiro, em cujo serviço, e companhia foi á tomada de Arzilla em Africa; e em Castella com 120 de cavallo rompeo a primeira batalha de Touro, e jaz com elle Dona Beatriz Valente sua mulher, e seu filho Dom Martinho de Castello Branco, Conde, e Senhor da Villa de Portimão, Camareiro Mór de ElRei Dom João o terceiro, e de tres Reis de trás, Veador da Fazenda de ElRei Dom Manoel, e seu Testamenteiro, o qual de idade de 15 annos se achou na batalha de Touro, e de 62 annos levou a Infanta Dona Brites a Saboya. Foi casado com Dona Mécia de Noronha, que aqui tambem jaz. Pai, e filho forão Governadores de Lisboa, viveo o pai 70 annos, e o filho 70 annos.»

A. C.

Aphorismos americanos sobre a educação.—«A boa instrucção vale mais que as riquezas»—foi o motto ou legenda, que o illustre fundador da Pennsylvania, Guilherme Penn, fez pôr no sello de uma corporação litteraria que estabelecéra.—«Á porporção que a organização d'um governo dá força á opinião publica, é essencial que esta adquira illustração»—disse o celebre Washington. (*)—«Só um povo bem instruido pôde conservar-se livre» foi sentença de Madison.—«Levantai uma cruzada contra a ignorancia»—dizia o presidente Jefferson.

(*) Achará o leitor a biographia e retrato deste homem illustre a pag. 228 do vol. 2.^o